

**CONEXÃO**  
**ESPÓS**  
**SOLIDARIEDADE NA PESQUISA**  
**E PERSPECTIVAS DE DOCÊNCIA**

Roseli Figaro  
Gean Gonçalves  
(Organizadores)

São Paulo  
ECA-USP  
2019

## Expediente

### Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Vahan Agopyan  
Reitor  
Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez  
Vice-Reitor

### Escola de Comunicações e Artes

Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro  
Diretor  
Profa. Dra. Brasilina Passarelli  
Vice-Diretora  
Profa. Dra. Vânia Mara Alves de Lima  
Presidente da Comissão de Pós-Graduação

### Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Profa. Dra. Roseli Aparecida Figaro Paulino  
Coordenadora  
Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho  
Vice-Coordenador

Profa. Dra. Maria Aparecida Ferrari (titular)  
Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioli (titular)  
Prof. Dr. Wagner Souza e Silva (titular)  
Gean Oliveira Gonçalves (representante discente titular)

Profa. Dra. Claudia Lago (suplente)  
Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly (suplente)  
Prof. Dr. Luiz Alberto Beserra de Farias (suplente)  
Beatriz Sequeira de Carvalho (representante discente suplente)

---

### Catálogo na Publicação

#### Serviço de Biblioteca e Documentação

#### Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C743

Conexão pós: solidariedade na pesquisa e perspectivas de docência [recurso eletrônico] /  
Roseli Fígaro, Gean Gonçalves (organizadores) – São Paulo: ECA-USP, 2019.  
187 p.

ISBN 978-85-7205-264-1

1. Comunicação 2. Comunicação – Pesquisa I. Título II. Fígaro, Roseli III. Gonçalves,  
Gean

CDD 23.ed. – 302.2

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

# Metodologia: um mergulho para ir além da aparência na construção do objeto<sup>1</sup>

*Ana Flávia Marques da Silva*

Jornalista e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Membro do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA. E-mail: contatoanaflaviamarques@gmail.com.

**Resumo:** A ruptura com a neutralidade axiológica no curso da pesquisa científica pode ocorrer de diferentes formas. Ela pode se dar a partir da concepção que se tem da relação sujeito-objeto, de reflexões que se materializam na escolha e no uso de termos conceituais e palavras-chave ou até mesmo na utilização de referências bibliográficas. Tais escolhas podem ou não passar pelo crivo do campo de conhecimento em que se atua, visto as disputas mais amplas e históricas no próprio campo e na sociedade. A partir de reflexões e decisões metodológicas e metódicas, o presente artigo busca demonstrar o caminho feito para aprofundar a análise sobre as relações de comunicação e trabalho em arranjos econômicos alternativos à luz do materialismo histórico e dialético.

**Palavras-chave:** Metodologia. Materialismo histórico e dialético. Comunicação e trabalho.

## Introdução

Dentre os três paradigmas apontados por Lopes (2005) nas Ciências Sociais – 1) funcionalismo com base na elaboração de Durkheim; 2) weberianismo com base em Max Weber; e 3) o marxismo do alemão Karl Marx – há distâncias e também pontes teóricas que nos auxiliam a interpretar a sociedade contemporânea e os rumos civilizatórios.

Tanto o funcionalismo quanto o weberianismo têm importantes contribuições às Ciências Sociais e, junto com o marxismo, são considerados paradigmas porque estes ainda não foram superados, visto que o modo de produção capitalista em que foram assentados também não o foi.

Para o marxismo, após a interpretação e compreensão dos fenômenos, cabe o questionamento sobre como alterar o quadro real com determinadas ações concretas derivadas do processo de reflexão. Em **Teses contra Feuerbach** (1984), Marx encerra o texto respondendo aos idealistas: “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo.”

É com esse intuito que usamos conceitos como uma imensa lupa que fornece apoio na apre-

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq.

ensão das características de fenômenos que não são aparentes sem certas operações e generalizações. Nesse processo é importante demonstrar como se dá, no trajeto da pesquisa, o uso desses arcabouços teóricos e a forma específica demandada pelo centro de cada investigação científica.

Para tal explicitação, contamos com o apoio de autores como Friedrich Engels, Karl Marx, Cheputilin, Lopes e Thiollent, que nos ajudam a aprofundar a discussão metodológica e metódica e a evidenciar a importância dela em toda trajetória de pesquisa.

### **Materialismo histórico dialético**

No esforço de entendermos as características da mídia alternativa, utilizamos o materialismo histórico dialético para tornar ainda mais evidente as operações metodológicas e epistemológicas selecionadas no percurso da dissertação. Usamos o exemplo de lupa porque acreditamos que é através do embate teórico e conceitual que conseguimos nos debruçar sobre certas características, cujas facetas dialéticas são capazes de serem definidas como categorias comuns a determinados fenômenos, reconhecendo-as como estruturais.

A elaboração da filosofia do materialismo histórico por Friedrich Engels e Karl Marx é um marco nas concepções acerca do desenvolvimento teórico e para a compreensão da sociedade na forma de sua totalidade, ou seja, desde a sua estrutura (econômica, material) até a interação entre os aspectos e elementos da vida social, das leis e forças motrizes que fazem com que a sociedade se movimente e se desenvolva. Os criadores do **Manifesto do Partido Comunista**<sup>2</sup> forneceram uma abordagem teórica e metodológica para compreender o conjunto da sociedade ao ilustrarem como as relações de produção e, propriamente, o embate entre capital e trabalho pode ser considerado o motor da história.

Para chegar em importantes teses, sínteses e antíteses, Marx e Engels se apoiaram no pensamento social mais avançado produzido até então. Fizeram a crítica à economia política desde Thomas Hobbes (1588-1679); à concepção de Estado, contrato social e poder absoluto; ao **Ensaio sobre o entendimento humano** e ao direito natural, empirismo, de John Locke (1632-1704); a David Hume e à **Investigação sobre a natureza humana**; à tradição britânica de economia política e a Adam Smith, Thomas Maltus, entre outros pensadores que os antecederam.

Antes da formulação marxiana, a principal tendência filosófica era o idealismo, o qual considerava a base espiritual o pilar da concepção do mundo, seja a divindade dos céus, seja a consciência “interior”, do indivíduo ou o absolutismo dos monarcas.

Ainda há inúmeros sinais da presença do idealismo em diferentes áreas, principalmente ele aparece em tendências que, na ciência, atribuem as principais mudanças históricas aos indivíduos e personalidades, isolando-os de movimentos mais amplos e de massas. A história que é contada apenas através de figuras, como os reis, os heróis, o militar etc., como se assim decidissem o destino dos povos, através de sua capacidade de “liderança”.

As teses de Marx e Engels também reconhecem o papel do indivíduo na história, mas mesmo

<sup>2</sup> Publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848.

as ideias que orientam esses homens têm, em sua radicalidade, no sentido de raiz, as relações materiais e econômicas.

Para Karl Marx (1984, p. 221), as ideias “[...] da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante”. O excerto representa o lugar do idealismo e a versão da história da sociedade que até hoje é contada.

O conceito de materialismo histórico dialético só foi possível a partir da compreensão do movimento das contradições do sistema capitalista, da centralização da produção material e da definição das bases e da organização das duas classes – a burguesa e a operária. Foi justamente para municiar a classe que vende a sua força de trabalho, ou como atualmente é nomeada por Ricardo Antunes de *a-classe-que-vive-do-trabalho* (Antunes, 2002), que o materialismo marxista foi elaborado como condição da própria história.

A relação entre “pensamento e ser” marcou as principais discussões filosóficas em todo o desenvolvimento da humanidade. “Matéria e consciência”, “natureza e sociedade”, “homem e natureza” são temas que caracterizam a filosofia desde os seus primeiros pensadores. Mesmo se baseando na vanguarda do pensamento filosófico, o marxismo criticou desde o início os idealistas e os pré-materialistas, como Feuerbach que, segundo Marx e Engels (1984), “[...] quer objetos sensíveis, realmente distintos daqueles do pensamento; mas ele não concebe a própria atividade humana como atividade objetiva”. A crítica geral pode ser observada na seguinte afirmação de Marx em **A ideologia alemã**:

Toda concepção histórica, até o momento, ou tem omitido completamente esta base real da história, ou a tem considerado como algo secundário, sem qualquer conexão com o curso da história. Isto faz com que a história deva sempre ser escrita de acordo com um critério fora dela. A produção da vida real aparece como algo separado da vida comum, como algo extra e supraterrrestre. Com isto, a relação dos homens com a natureza é excluída da história, o que engendra a oposição entre natureza e história. (MARX; ENGELS, 1984, p. 57)

Marx e Engels se apoiam na teoria da dialética de George Wilhelm Friedrich Hegel, o qual posicionava a contradição como parte do movimento de desenvolvimento do fenômeno. Porém, criticaram Hegel justamente por sua falta de visão materialista. Para o marxismo, a apreensão do movimento real se dá na análise das relações de produção. Diferentemente da crítica feita a Feuerbach que era materialista, mas não dialético; Hegel era dialético, mas não materialista.

Como podemos ver, Hegel, ao contrário de Aristóteles e de Kant, estabeleceu as categorias sobre uma base histórica e as apresentou em movimento e desenvolvimento em seu aparecimento e em sua formação. Entretanto, ele realizou tudo isso no plano da ideia pura, do pensamento puro, o que faz com que as categorias manifestem-se em sua obra não como graus do desenvolvimento do processo do conhecimento, pelo homem, do mundo exterior, mas como graus do desenvolvimento do pensamento puro e da ideia, em sua existência anterior à natureza. É por isso, se não foi por acaso, que, a despeito de seu gênio e de sua aptidão para prever a situação real das coisas, Hegel foi obrigado, para seguir os seus princípios idealistas e aplicá-los, a contradizer a todo instante a realidade e dela afastar-se. Mas, apesar disso, Hegel conseguiu em seu sistema incrivelmente artificial e contraditório das categorias, reproduzir uma série de ligações e

É da materialidade da contradição entre capital e trabalho que Marx e Engels entendem o propulsor da história, a luta de classes. Mas quais são as contradições que fazem o movimento dialético acontecer na história? Como compreender quais são as categorias de partida em que podemos iniciar a tomada de consciência? Como usar os movimentos dialéticos materialistas para compreender o nosso objeto de estudo na comunicação?

A partir da ideia de que a consciência é fruto da prática social, ou seja, “[...] que os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta atividade a sua realidade, seu pensar e os seus produtos de pensar [...]” (MARX, 1984, p. 56), o ponto de partida para o movimento dialético e as categorias que refletem a relação “ser e natureza” podem ser considerados como passos iniciais para compreensão da dialética materialista.

Engels, em **Dialética da natureza** (1952, p. 55), afirma que “[...] é precisamente a transformação da natureza pelo homem e não a própria natureza como tal que é o fundamento mais essencial e mais direto do pensamento humano, e a inteligência do homem aumentou na medida em que ele aprendeu a transformar a natureza”.

Portanto, entendemos que as categorias que podem nos ajudar a desvencilhar “o nó” da questão para compreender a relação entre matéria e consciência são as categorias do campo da prática.

Lênin, ao ressaltar a interdependência da teoria e da prática, elevou a “[...] matéria a uma categoria filosófica que serve para designar a realidade objetiva dada ao homem por meio de suas sensações, que a copiam, a fotografam, a refletem e que existe independentemente das sensações.” (idem)

Elevar a matéria como categoria filosófica demarca o materialismo dialético de outras correntes idealistas que consideram que ela — a matéria — não possui existência real, bem como também o distingue dos materialistas da Grécia antiga, os quais consideravam que a matéria era qualquer fenômeno de uma realidade também qualquer.

Segundo o materialismo dialético, a consciência não é uma propriedade universal da matéria, ela é própria apenas a certas formas altamente organizadas de sua existência e aparece somente em certo estágio de seu desenvolvimento. Entretanto, a consciência representa não uma manifestação contingente da matéria, mas o resultado necessário de seu desenvolvimento progressivo, a forma superior da faculdade que lhe é eternamente própria — o reflexo. A consciência é uma das formas do reflexo própria a toda a matéria, a todas as coisas e fenômenos do mundo exterior. (CHEPTULIN, 2004, p. 78)

O desenvolvimento da consciência não é produto somente da atividade fisiológica. O filme **Kaspar Hauser** (1974), de Werner Herzog, nos dá pistas sobre o que acontece com a consciência quando o indivíduo está fora do sistema de relações sociais e sem interação com outros homens. Sem vida social, não há desenvolvimento da consciência.

De acordo com Cheptulin (2004, p. 79), “[...] a consciência é uma das formas do reflexo próprio a toda a matéria, a todas as coisas e fenômenos do mundo exterior”.

Assim, o reflexo está ligado não apenas à ação de uma formação material sobre a outra, mas também à interação em decorrência da qual cada formação material particular é, ao mesmo tempo, **refletora e refletida**. Ela reproduz sob uma forma específica as particularidades dos objetos e dos fenômenos que agem sobre ela e reproduz-se ela própria nas particularidades correspondentes desses objetos e desses fenômenos. (Idem, com grifo nosso)

A relação do ser com a natureza foi alterada desde que o homem passou a utilizar ferramentas para transformá-la. A partir dessa interação que inovou o comportamento do homem, após suprimir uma necessidade, logo veio outra a ser suprida, a de se comunicar com outros homens e desenvolver o reflexo e a consciência. Como nos aponta Engels, em **Dialética da Natureza** (1952, p. 174):

Essa atividade tornou-se uma forma necessária de ligação entre os seres que se distinguem do estado animal, entre eles próprios, de um lado, e com a realidade ambiente, de outro. Essa atividade os coloca em relações determinadas independentes de sua vontade, e assim os reúne em um todo único, organicamente ligado. Para que tudo isso possa surgir, funcionar normalmente e desenvolver-se, uma certa coordenação das ações dos indivíduos que a formam é necessária. Mas isso suporia tomar consciência dos objetivos e das tarefas, repartir as funções no processo de sua realização. Tudo isso tornaria necessária uma troca de pensamentos entre indivíduos que agem em comum. “Logo, os homens em formação chegariam a um ponto em que eles teriam reciprocamente alguma coisa para dizer”.

Essa é a ideia fundante da ligação dialética entre comunicação e trabalho. Sem trabalho não é possível haver comunicação; sem comunicação não há maneiras de realizar a atividade de trabalho. Isso desde o desenvolvimento da consciência humana até os dias atuais e, possivelmente – modalizamos para não termos uma visão determinista da história –, será no futuro. Junto com o materialismo histórico dialético utilizamos a ergologia (SCHWARTZ, 2010) como abordagem teórica metodológica para apreender a comunicação no trabalho.

### **Além da aparência: a construção do objeto empírico**

A primeira reflexão que fazemos no nível metodológico da pesquisa e na fase de construção do objeto é sobre a necessidade de adquirir vigilância epistemológica nas operações e relações que serão feitas durante todo o percurso da pesquisa.

A crítica ao real transparente (LOPES, 2014) se faz necessária para a ruptura com o senso comum na busca de compreensão da lógica e das características dos objetos para ir além do que já é demonstrado, sem a aplicação de operações científicas e metodológicas.

Pode parecer um movimento óbvio, mas sem o olhar científico não conseguimos nos distanciar das implicações que a realidade impõe ao objeto, dando à aparência o estado de essência. Vale a pena citar a afirmação de Karl Marx, contida no volume III de **O capital**: “[...] toda ciência seria supérflua se a aparência, a forma das coisas fosse totalmente idêntica à sua natureza” (1894, p. 951).

Essa vigilância epistemológica é ainda mais necessária quando o sujeito tem relação direta com o seu objeto. Isso porque pode haver a tendência de naturalização de fenômenos que são

essenciais para se alcançar o aprofundamento de determinadas explicações da pesquisa ou, ao contrário, aumentar o impacto de questões que, individualmente são problemáticas na visão do pesquisador.

Isso não significa que defendemos a visão positivista de que quanto mais longe estiver o sujeito de seu objeto, mais conseguirá pesquisá-lo com profundidade. Essa tendência é realmente muito forte dentro do campo científico em que o sujeito é compreendido como sendo neutro, restando a “relevância epistemológica” ao objeto do conhecimento.

Lopes (2014) afirma que a principal “[...] inovação de Bourdieu é colocar ênfase na objetivação das relações de conhecimento [...]” e traz as próprias palavras do autor em que afirma que “[...] a reflexividade epistêmica deve ser epistemológica, coletiva e fundamentalmente antinarcísica”. (BOURDIEU apud LOPES, 2014, p. 3).

Objeto e conhecimento são frutos de relações produzidas coletivamente, assim sendo, a função do pesquisador não é individual. É fundamental que conste como referencial teórico certo “estado da arte” sobre o assunto, referências às outras obras em que são consideradas na produção da pesquisa – também compreendida como resultado de ação coletiva, por exemplo, com a contribuição da comunidade acadêmica em participação de eventos, grupos de pesquisas em que o conhecimento é discutido, socializado e referenciado dentro do campo científico da comunicação.

A relação sujeito-objeto também é refletida no conceito de reflexividade que, de acordo com Lopes (2010, p. 30), está presente desde Descartes quando este consagrou o “[...] cogito, ou seja, a capacidade da consciência de pensar-se a si mesma”. Para o marxismo, essa posição foi considerada um avanço por deslocar Deus do centro das discussões.

Segundo Giddens e Beck (2002) é “[...] a premissa clássica de uma teoria da reflexão da modernidade[...]” que defende a modernização das sociedades, como impulsionadora da capacidade de “[...] reflexão dos sujeitos sobre as condições sociais de sua existência e, assim modificá-las [...]”. Do mesmo modo, Bianchi (2006, p. 135) trata os “[...] mecanismos utilizados na apropriação de uma informação, uma mensagem, sempre como sociais, histórica e culturalmente construídos”.

Outros autores, como Jean-Pierre Deslauriers e Michèle Kérisit (2008, p. 127), também discorrem sobre essa relação no processo de definição do objeto de pesquisa. De acordo com os autores, “[...] haveria dois modos de conceber e de construir o objeto de pesquisa: para uns, é preciso conhecer para modificar; para outros, é preciso conhecer para conhecer melhor [...]”. Para explicitar ainda mais os autores apoiam as ideias de Silverman:

Eu suspeito que as primeiras etapas da pesquisa se distanciam demasiado da lógica e da cronologia, como atestam as comunicações científicas. A maior parte da pesquisa está ligada ao acaso e a circunstâncias concernentes ao próprio pesquisador, no contexto econômico, social e político, no qual ele atua. (SILVERMAN, 1985, p.4)

Estudar a mídia alternativa, as relações de comunicação e produção discursiva exige um método que visa ao conjunto dos fenômenos e seus movimentos. Portanto, a materialidade



dos fenômenos da comunicação alternativa abriga um conjunto metódico que possa alcançar a percepção dessa totalidade que julgamos atingir com o materialismo histórico dialético, como já explicitado, e um conjunto de técnicas metodológicas.

De acordo com o materialismo histórico dialético, “[...] o conhecimento começa precisamente com a prática, que funciona e se desenvolve com base prática em que se formam as categorias nas quais são refletidas e são fixadas as ligações e as formas universais do ser.” (CHEPTULIN, 2004, p. 57)

### **Processo de investigação dinâmico com fases que dialogam entre si**

O conceito de metodologia apresentado por Lopes (2012, p. 93) é utilizado duplamente como “metodologia *na* pesquisa e metodologia *da* pesquisa” (grifo nosso). Quando a autora fala de metodologia *na* pesquisa, ela está indicando os métodos aplicados no trabalho científico. Já quando discorre sobre metodologia *da* pesquisa, refere-se à investigação ou à teorização da prática da pesquisa, explicitado por Kaplan como a indicação do estudo da “descrição, explicação e justificação dos métodos e não os próprios métodos”. (KAPLAN apud LOPES, p.93)

Ainda nos apoiando em Lopes, “[...] um paradigma é sempre uma perspectiva teórico-metodológica, e uma problemática teórica traz sempre acoplada uma problemática metodológica, que são as estratégias usadas para a própria investigação de um objeto de conhecimento.”

A construção do método aplicado à comunicação é regida por dois princípios básicos. O primeiro é que a “[...] reflexão metodológica não é abstrata e distante da investigação da pesquisa”. O segundo é que essa reflexão é necessária para criar uma “[...] atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações científicas que realiza na investigação e quanto ao questionamento constante a que se deve submeter os métodos ante as exigências que a realidade lhe impõe”. (LOPES, 2014, p. 95)

No modelo de Lopes é definido “[...] essencialmente por uma dinâmica que resulta de uma rede de articulações verticais e horizontais tecida pelo raciocínio científico.” (2014, p. 97). Ou seja, o campo da pesquisa organiza o discurso científico e também é nele que o processo se realiza enquanto prática da ciência.

É importante ressaltar que esse olhar do curso da pesquisa não é feito com divisões das etapas da pesquisa de forma imutável, pois a complexidade dos objetos das Ciências Sociais exige “[...] interpenetrações de seus diversos níveis e voltas constantes entre as operações envolvidas em suas fases”. Essa interpenetração é feita de forma dinâmica e dialética em todo o caminho da pesquisa.

A escolha da metodologia deve ser refletida de forma articulada com a pesquisa desde os primeiros passos da constituição do projeto de pesquisa. Isso acontece de maneira implícita ou explícita com a adesão de um quadro teórico de referência. Esse processo precisa ser realizado de maneira consciente e não apenas para constar, visto que infere no curso e na forma das análises.

Diante desse cenário, é o objeto que governa o caminho metodológico que precisa ser percorrido. Por isso, estudar as relações de produção, trabalho e discurso na mídia alternativa requer um conjunto de técnicas que citaremos no próximo tópico desse artigo (ver figura).

## A importância dos grupos de pesquisa

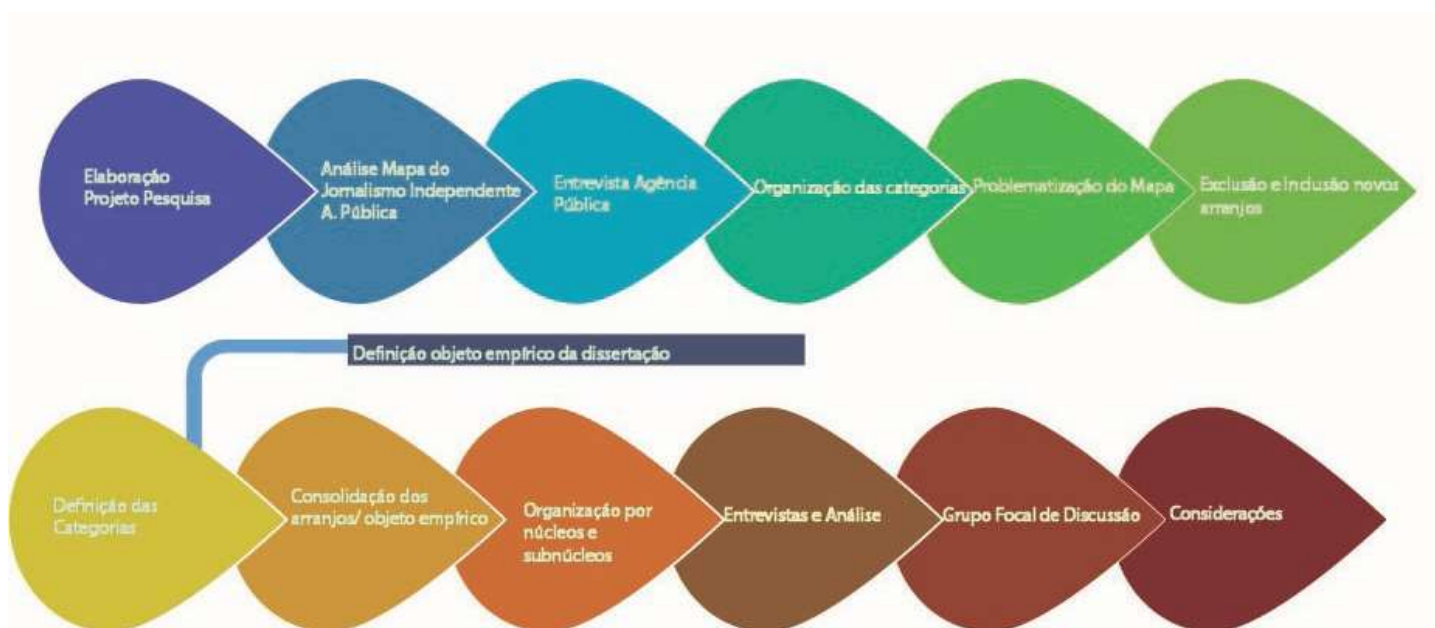
No início do percurso, o objeto científico é construído e é ele que determina a natureza da amostra. Em nosso caso, a aproximação metodológica se deu ao mesmo tempo na pesquisa do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), que está em segunda fase de desenvolvimento, intitulada *As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*<sup>3</sup>.

Através dessa experiência, podemos afirmar a relevância para o pesquisador de estar inserido em um contexto maior, em um projeto coletivo de investigação. A pesquisa, assim, adquire profundidade mais ampla e faz com que a contribuição do pesquisador esteja relacionada a um estudo sistematizado e articulado com o histórico da linha de pesquisa. Esse processo precisa ser ressaltado como parte da metodologia da pesquisa, porque interfere e resulta em um processo dialético que posiciona e entrelaça os objetos e considerações das pesquisas em mútua colaboração de forma mais madura e até vigilante.

Desse modo, junto ao Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, problematizamos a importância e os limites do Mapa de Jornalismo Independente da Agência Pública<sup>4</sup> para observar os critérios de incorporação de arranjos alternativos de comunicação, assim como no processo de uso da técnica da bola de neve (*snowball*), para que fossem acrescentados outros veículos e coletivos de mídia alternativa no estudo.

Após esse processo, identificamos categorias principais para organizar os arranjos alternativos em núcleos e subnúcleos para, a partir dessa organização, selecionar os 29 arranjos de mídia que foram entrevistados e participaram do grupo focal.

**Figura 1 – Processo metodológico da pesquisa do CPCT**



<sup>3</sup> Resumo disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/94453/as-relacoes-de-comunicacao-e-as-condicoes-de-producao-no-trabalho-de-jornalistas-em-arranjos-economi/>

<sup>4</sup> Sobre o referido mapa, consultar: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>.

Como o processo coletivo também é composto por um conjunto de técnicas, conseguimos alargar a nossa compreensão para o papel e lugar de cada uma dessas operações no curso da pesquisa. Por exemplo, constatamos que a técnica de bola de neve, por se tratar de uma investigação sociocultural, privilegia a organização e a produção de conhecimento, indicando outros veículos até atingir o “ponto de saturação”:

O ponto de saturação é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa. É uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Também foi significativo o processo de análise das categorias e a divisão dos arranjos alternativos em núcleos e subnúcleos para a definição da amostra. Foi nesta etapa que nos atentamos para a potencialidade de espaços inovadores e coletivos como o Ateliê do Bixiga, em São Paulo; e os arranjos de comunicação alternativa que trabalham no espaço: Jornalistas Livres, Opera Mundi, Outras Palavras e Pressenza.

Esse processo como um todo demonstra que o projeto de pesquisa é vivo e dinâmico e que são contribuições como essas que tornam a participação em grupo de pesquisa uma rica experiência de pesquisa em que a solidariedade ocupa o lugar da solidão, fazendo do próprio ato do pesquisador um lugar de *práxis* de sua concepção de mundo.

## Referências

- CHEPTULIN, Alexandre. **A Dialética Materialista**: categorias e leis da dialética. Ed. Alfa-Omega, SP. 2004
- ENGELS, Friedrich. **Anti-During**. 2ªed. Paz e Terra. RJ. 1979.
- \_\_\_\_\_. **Dialética da Natureza**. 1952, Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>. Acesso em 18 nov. 2016.
- LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 12ª ed. 2014
- LOPES, Maria Immacolata V. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em Comunicação. In: BRAGA, J.L.; LOPES, M.I.V.; MARTINO, L.C. (orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus. 2010
- LOPES, Maria Immacolata V. Pesquisa de Comunicação: Questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (Intercom)**, v. 27, n. 1, 2004.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Capital**. Crítica da economia política. Vol I, livro Primeiro, O processo de produção do Capital. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Coleção Os Economistas).
- MARX, K, ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo; Hucitec. 1985.
- \_\_\_\_\_. **Cultura, arte e literatura**. Textos escolhidos. São Paulo: Expressão popular, 2010, p. 97 a 101, 113 a 117; 151 a 156.
- \_\_\_\_\_. Contribuição à Crítica da Economia Política. 2 ed. Martins Fontes. SP, 1983.
- POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Editora Vozes: São Paulo, 2008.